



O TERRITÓRIO, O LUGAR E A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DE AULA DO CENTRO DE MÍDIAS DE SÃO PAULO

Pablo Kehoma Costa Santos ¹
Erica Hitomi Arakaki ²
Filipe Nogueira Ramos ³
Paula Cristiane Strina Juliasz ⁴

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo compartilhar uma experiência pedagógica construída pelo subprojeto Geografia do PIBID da USP na Escola Estadual José Chediak, onde os estudantes analisaram algumas aulas do Centro de Mídias São Paulo, e em seguida propuseram uma intervenção com base na análise das aulas. O Centro de Mídias de São Paulo foi criado e implementado no começo da pandemia da Covid-19, em março de 2020.

Neste contexto, a Secretaria de Educação, criou alguns meios para que as aulas continuassem chegando aos estudantes, mesmo com as escolas fechadas. O instrumento que apresentamos neste texto é o Centro de Mídias, um aplicativo para aulas online, que transmite as aulas para mais de 3,5 milhões de estudantes da rede estadual de São Paulo e pode ser acessado tanto via aparelhos celulares ou website por computadores.

Diante dessa realidade, foi elaborada uma análise das aulas disponíveis sobre o conceito de paisagem, lugar e território e a forma como esse conceito foi trabalhado com os estudantes dos sextos anos de todo o estado de São Paulo. A análise também serviu de base para a elaboração de sequências didáticas a fim de propor situações de aprendizagem que estivessem conectadas com o cotidiano dos estudantes.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

¹ Professor das redes estadual e municipal de São Paulo. Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP, pablokehoma@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade de São Paulo – USP, erica.arakaki@usp.br;

³ Graduando no curso de Geografia da Universidade de São Palo – USP, filipe.nogueira@usp.br;

⁴ Professora orientadora: Professora Doutora, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, paulacsj@usp.br.



A metodologia que fundamenta nossa análise é de cunho qualitativo, pois foram analisados as formas e os conteúdos de Geografia com o objetivo de pensar as possibilidades desse tipo de comunicação. As ações tiveram como ponto de partida a compreensão das categorias de análise de Geografia, em destaque o da paisagem. Em seguida foram assistidas duas aulas sobre paisagem, que foram desenvolvidas pelo Centro de Mídias do Estado de São Paulo, destinadas para os estudantes do sexto ano, dos anos finais do Ensino Fundamental.

Ao realizar a análise dessas aulas levou-se em consideração os critérios: domínio conceitual e capacidade de relacionar o conteúdo com o território dos estudantes. Estes pontos foram escolhidos pois acredita-se que a paisagem no ensino de Geografia se manifesta como um recurso metodológico que auxilia na construção de conceitos, articulando com as categorias– lugar, território. Após a análise foi elaborada uma sequência didática que teve como objetivo principal trazer para a aula os elementos que não foram trabalhados, buscando conectar esses conceitos ao cotidiano dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola é um espaço vivo e dinâmico onde a aprendizagem deve ser construída levando em consideração o lugar do aluno, pensando também o território onde ele vive, para que seja possível articular os conhecimentos geográficos com os temas do cotidiano, pois segundo Santos: “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares.” (2000a, p.112).

Assim, a aula de Geografia deve permear essas particularidades trazendo para o centro das discussões exemplos que estejam próximos dos estudantes, cuidando para que eles consigam assim, compreender também questões globais.

Castellar (2005), aponta que estudar a Geografia parte do lugar e da relação entre os lugares, como também da leitura dos fenômenos em diferentes escalas, para que assim o aluno possa conhecer a sua realidade, por meio da leitura do espaço vivido. Dessa forma ela afirma que através desse estudo,

Deve começar a estabelecer relações entre os lugares, a ler os fenômenos em diferentes escalas, mobilizando o raciocínio e educando o olhar para que possa fazer a leitura do espaço vivido. O saber agir sobre o lugar de vivência é importante para que o aluno conheça a realidade e possa comparar diferentes situações, dando significado ao discurso geográfico – isso seria a concretização da educação geográfica, do mesmo modo que



ocorre com a Matemática, a Física, ou outras áreas do conhecimento escolar. (CASTELLAR, 2005, p. 213).

Quando resgatamos o lugar que o aluno mora, as vivências, as relações com o espaço e com a sociedade, a Geografia fica mais perto dele, ultrapassando a teoria muitas vezes presente nos livros, e neste caso, na aula pronta do Centro de Mídias que traz exemplos longínquos, que dificultam o estudante a fazer associações com seu convívio, e a possibilidade de fazer as conexões com escalas maiores, utilizando as categorias de análise da Geografia (território, lugar e paisagem), pois

Paisagem, território e espaço com o primado no espaço são assim as categorias da geografia. Analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisá-lo em termos de território, a fim compreender-se o mundo como espaço. Mas em verdade quem faz essas transposições é a presença dos princípios lógicos tanto no espaço quanto no território, como na paisagem. (MOREIRA, 2007, P. 116)

Por isso é importante que seja considerado em todo o processo a fala e as vivências dos alunos, assim entendemos ele como um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, e não mais como um receptor de informações prontas, como é proposto na aula do Centro de Mídias. Temos que pensar nos estudantes como um sujeito que podem contribuir para a construção do conhecimento, pois,

Neste sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de Geografia enfrentarem o desafio de se considerar, entre outras, a “cultura geográfica” dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar) (CAVALCANTI, 2005, p. 68)

Estudar a paisagem do território onde se vive, traz para a sala de aula uma maior noção de pertencimento, pois o lugar é constituído de identidade, o acúmulo de tempos, histórias e memórias individuais. É onde a vida se desenvolve no espaço, o bairro, a praça, a rua. E se mostra no cotidiano em meio às situações de conflito. Dessa forma, é “o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos” (CARLOS, 2007, p. 20).



Assim, o professor deve buscar trazer significados aos conteúdos, proporcionando aos alunos, uma sensação de atração ao que está sendo estudado, para que possam buscar mais informações sobre os conteúdos vistos na sala. Quando o educando reconhece a importância do que estuda, o aprendizado se torna significativo. Para isso, os conteúdos de Geografia devem ser trabalhados com o objetivo de valorizar o cotidiano do estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao assistir e analisar as aulas do Centro de Mídias de acordo com o currículo de do sexto ano, foi observada a falta de planejamento da plataforma, pois algumas vezes o conteúdo desenvolvido não estava de acordo com a proposta curricular do estado de São Paulo e a forma de condução dos conceitos não foi realizada de maneira satisfatória, pois trouxe exemplos de lugares e paisagens que muitos estudantes não vivenciavam, além de apresentar exemplos focados na capital paulista. Obviamente seria impossível que as aulas de quase trinta minutos estruturadas sempre com explicações seguidas de exercícios fossem capazes de substituir e nutrir o aprendizado da mesma forma como era feito durante as aulas presenciais, visto que muitos estudantes não possuíam acesso à internet.

Diante do desafio de realizar aulas com sentido real com os estudantes, foi elaborada uma sequência didática a fim de contribuir diretamente de maneira alternativa com os estudantes que tinham acesso a internet e que estavam conseguindo acompanhar as aulas via aplicativo. Para tanto verificou-se as fragilidades das aulas do Centro de Mídias, e buscou-se alternativas que naquele momento pudessem de alguma maneira alcançar os estudantes, trazendo para a aula, um pouco do que existe no bairro onde vivem e estudam. A partir disso, a elaboração da sequência didática, foi planejada para articular os conceitos de paisagem, lugar e território com o cotidiano dos alunos. Assim, as aulas elaboradas e desenvolvidas de modo remoto e síncrono tiveram como foco este conteúdo a partir de exemplo do bairro da escola, de forma que fosse possível para os alunos visualizar de maneira um pouco mais concreta do que se trata cada conceito. Foram propostas quatro aulas sobre o tema: paisagem, lugar e território e em seguida duas atividades avaliativas. As aulas contaram com recursos audiovisuais como músicas e fotos de “antes e depois” dos arredores da escola para ilustrar o tema. Na primeira atividade os alunos entrevistaram algumas pessoas mais velhas para falar sobre quais as mudanças que viram no bairro ao longo do tempo, e na segunda foi proposta uma dinâmica de interação online sobre as percepções dos estudantes nos espaços que vivem.

Através dessas atividades os estudantes puderam mesmo que distante interagir na aula, foi possível perceber que os conteúdos estavam mais conectados a eles, pois partiam do



cotidiano, do espaço vivido, e assim eles puderam fazer relações mais concretas de seus territórios com os conceitos que estavam aprendendo.

Com a realização de aulas e atividades síncronas, mesmo que de forma virtual em um momento de emergência sanitária, percebeu-se que tais feitos possuíram resultados ainda mais positivos se comparado com o uso da plataforma governamental. Durante os encontros virtuais com os alunos, foi perceptível que houve uma transição de saberem entre alunos e o professor e o professor com os alunos, havendo o levantamento da realidade cotidiana dos estudantes que frequentam o espaço escolar público: muitos deles relataram a inexistência de alguns objetos espaciais na constituição de suas paisagens locais – locais que há a ausência de espaço para lazer, com pouca quantidade de modais de transporte público, ou, até mesmo, que não existem elementos espaciais que tragam salubridade à aquela materialidade socioespacial.

Faz-se importante destacar, inclusive, a obrigatoriedade do uso do Centro de Mídias em São Paulo durante todo o período em que as escolas estaduais, tiveram que ficar fechadas devido à pandemia de COVID-19. Apesar de ser uma plataforma para uso emergencial, o CMSP explicita interesses hegemônicos no que tange o acesso a uma educação pública, crítica e de qualidade. Um ambiente que priva os professores de ensinar a partir da realidade paisagística dos indivíduos fere com um dos pilares sumários da prática pedagógica: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE [1996] 2011, p.38), ou seja, o processo educativo deve ser um processo em que o docente deve estar aberto às realidades dos alunos. A sala de aula que compreende o cotidiano de cada indivíduo é um local de incentivo aos estudantes obterem cada vez mais senso crítico perante a um sistema explorador e opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise aqui realizada, foi possível perceber a importância de uma aula que esteja pautada nas categorias da Geografia, mas também que seja planejada como foco nos estudantes e suas particularidades. Em contrapartida, as aulas do CMSP são elaboradas para todo o estado de São Paulo, ignorando o cotidiano dos estudantes de modo que não haja diálogo entre o docente e o discente. Inclusive, as aulas do CMSP expropriam o professor de seu território de ensinar, ou seja, de planejar, desenvolver, interagir, rever, avaliar e replanejar.

Diante da pandemia da COVID-19 esse foi um dos caminhos que a Secretaria de Educação apontou para solucionar a falta das aulas presenciais. Porém, não podemos deixar de ressaltar a importância de uma aula dialógica, de uma aula que seja reflexiva, que possibilite



aos estudantes olhar para o mundo através da Geografia e que nenhum método de aprendizagem online é tão efetivo quanto a interação entre professores e estudantes.

O instrumento aqui analisado apresenta uma problemática que marca a vida escolar dos estudantes e professores nesse período pandêmico: a distância física e a falta de contato com o cotidiano, gerando uma Geografia que não tem proximidade conceitual da vida dos estudantes. Além disso, plataformas como esta são adversas a uma prática docente que busca a emancipação dos indivíduos perante a educação. Por isso, a resistência a esse tipo de aula foi a ação que apresentamos aqui, pois o processo educativo em um período de emergência sanitária tão duradouro é importante. Mas deve ser levada em consideração a particularidade dos estudantes e o vínculo entre o professor e o aluno, de extrema importância para o processo formativo, uma vez que “uma aula é um processo e não um produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada (...) não é uma coisa que possa se assemelhar a uma mercadoria” (NETO, 2007, p.15)

Palavras-chave: Centro de Mídias, Ensino, Geografia, Cotidiano.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: **FFLCH**, 2007. 85 p. Acesso em: 31 out. 2021.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Acesso em: 26 out. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (org.) Educação geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: **Contexto**, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**. 2011.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia. São Paulo: **Contexto**, 2007.

NETO, M. F. de S. Aula de geografia e algumas crônicas. 2ª edição. Campina Grande: **Editora Bagagem**, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal Rio de Janeiro; São Paulo: **Record**: 2000.